

GALP: Durão recebeu Carlucci em São Bento

SEMANAL Nº 586 • 27 MAIO A 2 JUNHO 2004

PORTUGAL €2,70

www.visaonline.pt

VISÃO



COLEÇÃO DE DVDs da BBC

O assassinato de Kennedy e a demissão de Nixon

Peça na banca por mais €7,5

COMBUSTÍVEIS

Vamos resistir à subida dos preços?

ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS



O pior está para vir

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

O severo Cunhal e o hábil Soares

• Segunda reportagem sobre os anos do PREC

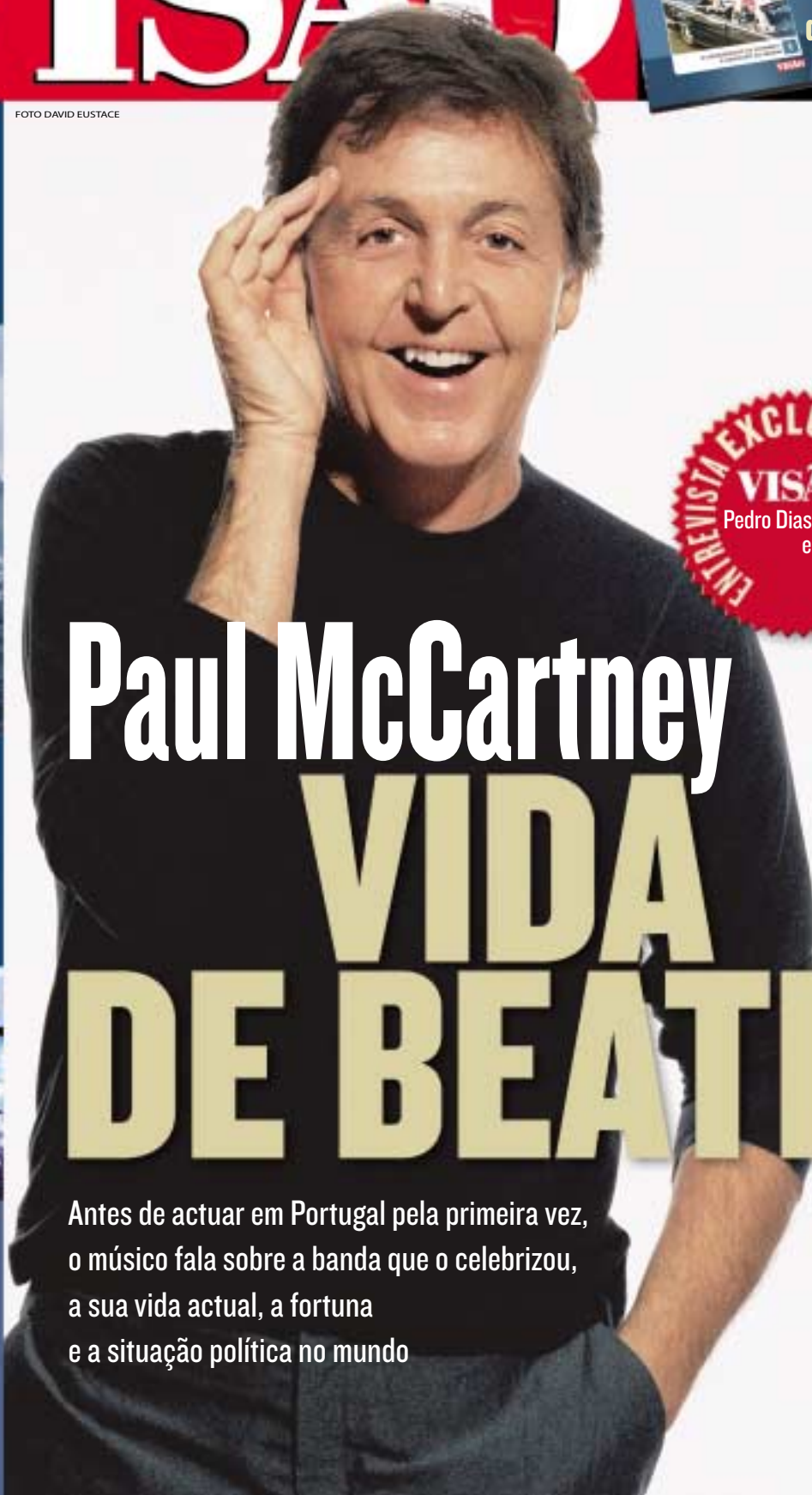
+32 PÁGINAS



GRÁTIS



FOTO DAVID EUSTACE



Paul McCartney VIDA DE BEATLE

Antes de actuar em Portugal pela primeira vez, o músico fala sobre a banda que o celebrizou, a sua vida actual, a fortuna e a situação política no mundo



Oferta de um lenço Rock in Rio

PAUL MCCARTNEY

'Os anos 60 parecem-me m

Antes do primeiro concerto de Paul McCartney em Portugal, assistimos aos ensaios da digressão e falámos com o autor de muitas das mais célebres canções dos Beatles. Um exclusivo VISÃO, na véspera do Rock in Rio-Lisboa

PEDRO DIAS DE ALMEIDA · ENVIADO ESPECIAL A LONDRES

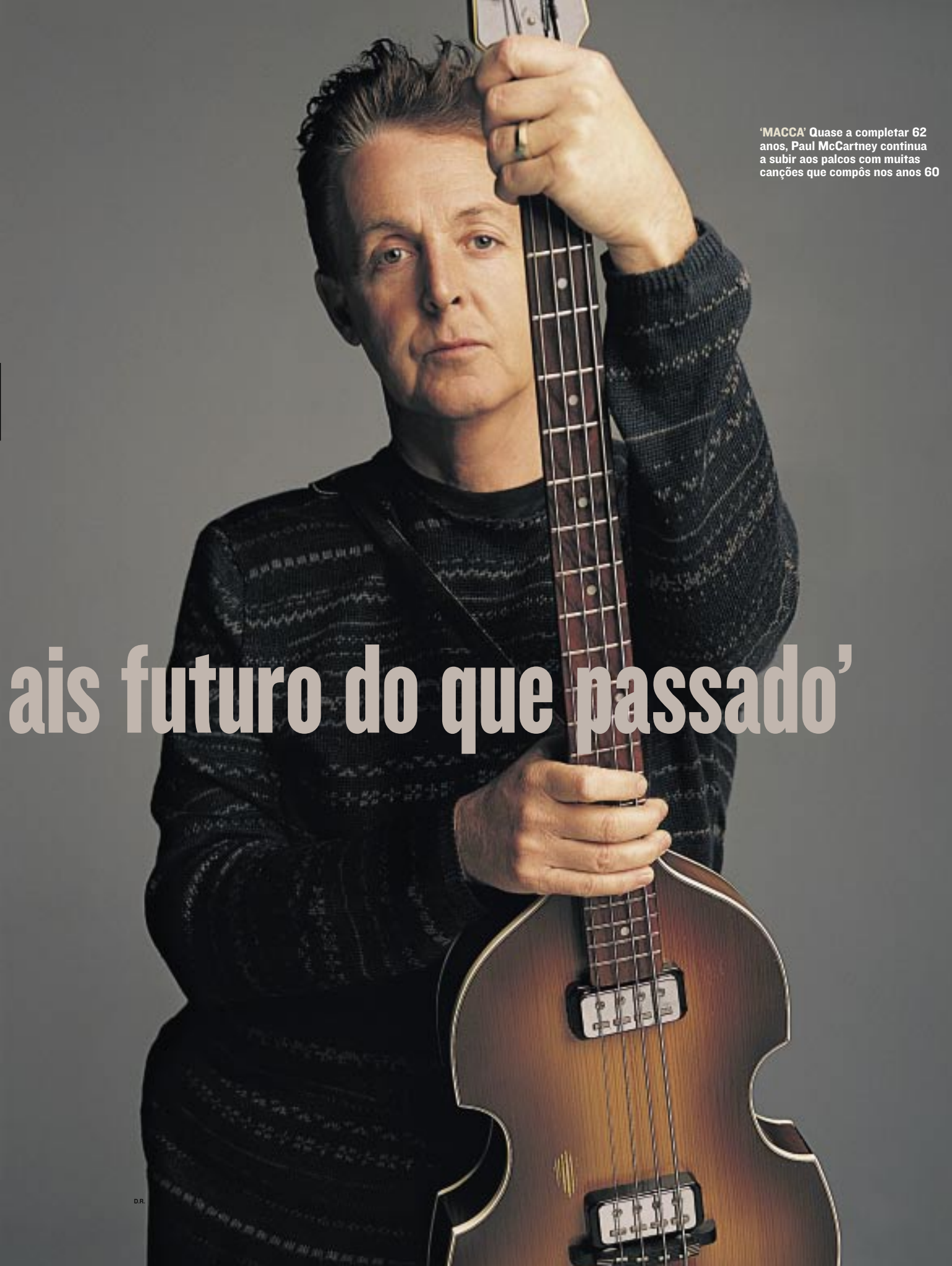
Em Maio de 1965, Paul McCartney tinha 22 anos e, no Algarve, dava a primeira entrevista a um jornalista português. A beatlemania estava no auge – em 1964 as férias dos Beatles nas Bahamas tinham-se transformado num pesadelo, com verdadeiras lutas de fãs e jornalistas de todo o mundo à procura da melhor foto, da entrevista exclusiva. Agora, numa vivenda perto de Albufeira, o jovem Paul tentava, desesperadamente, passar despercebido.

Mas Joaquim Letria, também com 22 anos, estava decidido a conseguir a

sua entrevista para o *Diário de Lisboa*. Depois de muita insistência e de dormir no jardim à porta da vivenda, conseguiu mesmo cumprir o objectivo, com o compromisso de não fazer fotografias. Aparentemente, Letria desconfiava do êxito sem precedentes da banda de Liverpool. «Os Beatles existiriam se não fossem os jornais, a rádio e a televisão?», «Sois, na realidade, um grupo de cabotinos?», «Se cortassem o cabelo, o que sucederia ao vosso êxito?» foram algumas das perguntas dessa primeira entrevista portuguesa a um Beatle. A história da música popular não veio dar razão ao cepticismo de Joaquim Letria. Os Beatles são, cer-

tamente, a banda que mais músicos influenciou nas últimas décadas e os seus discos operaram uma verdadeira revolução, com «erre» maiúsculo.

Quase 40 anos depois, Paul McCartney transformou-se em sir Paul McCartney. Tem 61 anos e chega de helicóptero à tenda gigante do Millenium Dome, nos arredores de Londres, onde decorrem os ensaios para a digressão deste Verão (a *Summer Tour 04*). O espaço amplo do local (construído para celebrar em grande a passagem do milénio em Londres) impressiona. O enorme palco da digressão parece pequeno, plantado na colossal circunferência do Dome. A produção ►

A portrait of Paul McCartney from the chest up, holding a sunburst-colored Fender Precision Bass. He is wearing a dark, patterned sweater and looking directly at the camera with a neutral expression. The background is a plain, light grey.

'MACCA' Quase a completar 62 anos, Paul McCartney continua a subir aos palcos com muitas canções que compôs nos anos 60

ais futuro do que passado'

► 'OS ANOS 60 PARECEM-ME MAIS FUTURO...'

(para dez dias de ensaio, apenas) parece mais apropriada para um concerto, não para uma sessão de ensaios – o *catering* funciona, costureiras acertam pormenores nos fatos coloridos do pré-*show* que antecede o concerto, os técnicos de imagem preocupam-se com os múltiplos ecrãs atrás e nos dois lados do palco... Enfim, cerca de cem pessoas estão envolvidas na *Summer Tour 04*.

Ainda hoje, conseguir chegar à fala com (Sir) Paul McCartney (*Macca*, para os fãs mais próximos), não é fácil. E o truque de acampar à porta da sua mansão, certamente já não funciona. Agora, as entrevistas combinam-se ao pormenor, com vários intermediários, como se se tratasse de fechar um qualquer contrato. Temos direito a 20 minutos de conversa com o ex-Beatle, nada mais, e – como há 40 anos... – nada de fotografias. A entrevista à VISÃO, em exclusivo para a imprensa portuguesa, está combinada no local dos ensaios, onde nos pedem para estarmos às 11 da manhã. O helicóptero que transporta o músico ouve-se chegar perto da uma da tarde. A conversa fica, então, marcada para o primeiro intervalo do ensaio. Paul McCartney parece a única pessoa realmente descontraída no meio da agitação em torno do grande palco. O tal intervalo chega às 15 e 30, mas, afinal, ainda não é agora que podemos falar. Desmarcamos o nosso voo de regresso a Lisboa e, finalmente, às 18 e 15 temos direito aos nossos 20 minutos, num pequeno recanto, decorado com motivos marroquinos, de um grande contentor.

Terminado o tempo, Paul pergunta como se diz *goodbye* em português, e despede-se com um «adeus, vemo-nos em Lisboa». Há gente que espera por este concerto há cerca de 40 anos. É já amanhã, e marca o arranque do festival Rock in Rio com algumas canções dos Beatles que *Macca* nunca antes tocou ao vivo.

VISÃO: Está viciado em palcos? Não consegue parar de fazer digressões?

PAUL MCCARTNEY: Viciado acho que não. Gosto dos palcos, mas também gosto de férias.

Depois de tantos anos, ainda sente nervosismo e excitação nestes dias que antecedem uma nova *tournée*?

Há tanto trabalho que não temos realmente tempo para pensar em nada. Quando chego a casa só penso em comida



NO MILLENIUM DOME McCartney ensaiou no maior espaço fechado de Inglaterra

e em ter um bom fim de dia. Já não me sinto nervoso, a menos que algo esteja a correr mal – o que não se está a passar agora. Não fizemos muitos ensaios, só duas semanas, o que para uma grande

'Há muito tempo que tenho dinheiro suficiente. Não preciso de mais'

tournée não é muito. Mas isso parece-me bom porque mantém uma certa frescura, se ensaiamos demasiado começamos a ficar fartos e aborrecidos, o que não é uma boa maneira de começar... Há umas canções que ainda não sei tocar muito bem, aprendo-as quando chegar a Portugal [risos]...

Quando cantava a canção dos Beatles *When I'm 64* [Quando Eu Tiver 64 Anos], que ideia fazia de si próprio nessa idade? Falta menos de três anos...

Não estava a escrever sobre mim – nem todas as minhas canções são sobre mim... –, portanto imaginava uma personagem, como se estivesse a escrever um romance ou uma peça de teatro. E os 64 anos pa-

reciam-me uma idade impossível, de velhice, não pensava nisso. Hoje, já não tenho essa ideia, não me parece nada uma idade avançada,

pelo contrário, até acho que é uma idade muito jovem. A minha visão do que é ter 64 anos não se cumpriu, não me aconteceu a mim. O que é bom. Sinto-me muito enérgico, entusiástico, ainda tenho cabelo... O mundo muda e nós mudamos com ele, claro, mas ainda gosto muito do que faço, isso é que é importante.

E passava-lhe pela cabeça que, com essa idade, ainda estaria a tocar as canções dos Beatles num palco?

Não, de modo nenhum. Eu escolhi os

64 anos por uma razão concreta: era um ano antes da idade de reforma aqui em Inglaterra, que é, normalmente, aos 65 anos. Era uma idade simbólica, e a canção perguntava, «ainda vais precisar de mim quando eu tiver 64?». Agora, e é uma loucura pensar nisso, tenho quase essa idade! É melhor começar a pensar na *When I'm 64 Tour*. Tenho que fazer essa digressão dentro de dois anos. E tenho que tocar essa canção – nunca a toquei em palco.

Quando vê imagens dos Beatles, como as da chegada triunfal aos Estados Unidos, há 40 anos, vê-se a si próprio no ecrã ou a uma espécie de personagem distante?

É verdade, às vezes é como se estivesse a ver um filme dos Irmãos Marx ou do Charlie Chaplin. Como se estivesse apenas a ver personagens célebres. Quando vejo muitas imagens minhas, como na Antologia que fizemos [coleção de DVDs], sinto quase que estou a afogar-me, com a vida toda a passar à frente dos meus olhos! Por um lado, consigo ver essas imagens como todas as pessoas as vêem: vejo personagens históricas e famosas, como a selecção inglesa quando ganhou o Mundial em 1966. São ro-dagens históricas. Mas, por outro lado, claro, vejo-me a mim e aos meus amigos. E lembro-me de tudo, obviamente. Era verdadeiramente incrível! Nós tínhamos vinte e poucos anos, éramos muito novos, e tudo aquilo nos estava a acontecer... Sabe, hoje, visto em perspectiva, percebo que éramos uns miúdos. Mas na altura sentíamos que éramos muito velhos, fumando os nossos cigarros, éramos uns *gentlemen* muito sofisticados a conquistar o mundo. Visto a esta distância, não é nada disso... Éramos mais novos do que todos os meus filhos (com excepção do meu bebé novo...). Mas ainda me espanto ao olhar para essas imagens e pensar: «Uau! Fizemos tudo isso!» Consigo olhar para todo aquele êxito com alguma objectividade, mas a verdade é que eu era parte da história. É uma boa sensação. Mas é estranho, ao mesmo tempo.

Presta muita atenção à música que se faz hoje, aos novos músicos, nomeadamente a esta nova vaga, com bandas como The Strokes ou os The White Stripes, que regressa às raízes do rock'n'roll dos anos 60?

Não posso dizer que preste uma grande atenção a tudo o que é recente. Mas, por vezes, gosto de ver e ouvir bandas no-

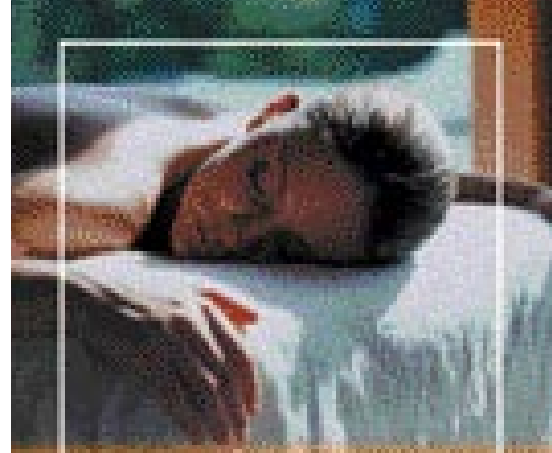
vas, claro. O meu gosto pessoal, a música que eu compro, é muito genérico, abrange muitas coisas. Hoje uso muito mais a música, pessoalmente, do que fazia há uns anos. Antes, comprava muitos discos só porque eram novidade, porque era a música que os nossos contemporâneos estavam a fazer. Agora, uso mais a música. Quando vou para casa e quero descontrair, ouço, por exemplo, a Norah Jones, ou o Nat King Cole. De manhã, para acordar, gosto de pôr música tradicional indiana a tocar. Também ouço muita música clássica – Chopin, por exemplo... Em termos de bandas novas, gosto de algumas coisas. E gosto, sobretudo, quando eles tocam mesmo todos os instrumentos. Esta cena mais ligada à *dance music*, em que os músicos utilizam material pré-gravado, não me interessa tanto. Consigo perceber a atracção da Britney Spears num público mais novo, mas eu, definitivamente, não pertencço a esse tipo de músicos – os concertos da Britney são mais uma espécie de musical, um *show* de palco, do que realmente um concerto. Dentro de bandas mais recen-

'Tudo isto [guerra no Iraque] me faz lembrar os tempos do Vietname'

tes, gosto de Coldplay, U2 e dos Strokes e dos White Stripes também. Acho que é o maior tributo que podem fazer aos Beatles. Os miúdos continuam à procura do som da bateria em *Tomorrow Never Knows*, à procura daquele eco específico... Alguns produtores contam-me que os músicos mais novos continuam a falar muito dos Beatles como referência. Penso que esse é que é o grande tributo. E é melhor do que estarem a ouvir os Rolling Stones. Desculpa, Mick! [risos].

O que é, actualmente, um dia perfeito para o Paul McCartney?

Bem... Acordar e ver o meu bebé [Beatrice, 1 ano] sorrir, é a melhor maneira de começar o dia, para mim e para a Heather. Depois, pode haver várias alternativas. Estar no campo, fora da cidade. Passar o dia calmamente, com a família, no campo. Andar a cavalo, gosto muito de andar a cavalo. Ter um bom final de dia, com uma boa refeição, a minha mulher, a bebé, à noite talvez ver um DVD (as coisas perfeitas para qualquer tipo!). Isso é um dia *off*. Se for um dia de trabalho, gosto de compor música, de gravar, de tocar – é uma paixão. Muitas vezes perguntam-me «Porque é que continuas ▶



O QUE EU
QUERIA
MESMO
ERA DORMIR
UMA NOITE
INTEIRINHA

Stress & Sedition



Um dia perfeito para o Paul McCartney

► 'OS ANOS 60 PARECEM-ME MAIS FUTURO...'

a fazer digressões?», «Ainda precisas de fazer digressões?». Na verdade, não preciso. Nunca precisei, já há muito tempo que tenho dinheiro suficiente, não preciso de mais dinheiro. Se o fazemos é porque adoramos fazê-lo. Sabe, no princípio era uma ideia fantástica viver da música, era como uma dádiva, uma honra – não termos que arranjar um emprego numa fábrica ou num escritório... Depois, foi tudo melhor ainda do que sonhávamos. Tudo se tornou muito livre, nos Beatles podíamos fazer o que queríamos. É isso que eu adoro: a liberdade da música, fazer disso o meu modo de vida.

Como uma espécie de símbolo de alguns dos mais pacifistas e otimistas sonhos dos anos 60, como é que vê um início de século tão assustador?

A situação é muito difícil. Tudo isto me faz lembrar os tempos do Vietname. Tudo começou por uma razão específica – muito provavelmente, o 11 de Setembro – mas agora parecem existir muitas mais razões diferentes. Exactamente como aconteceu no Vietname: tudo começou por uma razão e, depois, parece que todos enlouqueceram e já ninguém se lembrava da razão por que tudo havia começado... São tempos difíceis. E há outra coisa: quando penso nos anos 60, na nossa atitude, até na roupa que usávamos, parecem-me mais futuro do que passado. Ou seja, os *sixties* parecem-me, vistos a partir de hoje, mais modernos do que a nossa era. Mas eu acredito nas pessoas, continuo a acreditar que as pessoas são boas e querem paz e amor, como sempre. Acredito mais nas pessoas do que nos governos e na sua capacidade para controlar as coisas. Esta guerra no Iraque tornou-se uma coisa muito complexa e difícil. Depois do 11 de Setembro, eu percebi a intervenção armada... Se alguém viesse a minha casa e destruísse tudo, eu não ficaria sentado, de braços cruzados, a dizer «Obrigado, não faz mal...». Ficaria furioso, como acho que aconteceria com qualquer um. Por isso percebi que os Estados Unidos e a Inglaterra estivessem furiosos. Procurar Bin Laden e atacar o terrorismo parecia-me razoável. Mas agora é tudo mais difícil de compreender. Teria sido melhor se, no Iraque, tudo tivesse acontecido com o apoio e o acordo das Nações Unidas. Acho que agimos demasiado rápido, o nosso governo talvez se tenha precipitado. ■



EM PALCO Na abertura do Rock in Rio as colunas vão debitar 75 mil watts

BILL BERNSTEIN

Concerto

Como vai ser a primeira vez

Muitas canções dos Beatles e um som do século XXI

Nunca, como na digressão deste Verão, que passa por Lisboa, Paul McCartney levou tantos temas dos Beatles para cima do palco. *Helter Skelter*, *Elleanor Rigby*, *Back in the USSR*, *Penny Lane*, *Hey Jude* e *Get Back*, por exemplo, ecoaram nos ensaios do Millennium Dome, em Londres, na passada semana. *Let it Be* e *Yesterday* deverão ser dois dos encores. Ao todo, as canções dos Beatles tocadas nesta digressão podem ultrapassar 20 por concerto, misturadas com os mais discretos hits dos Wings e músicas da carreira a solo de McCartney. Afinal, ao todo, são cerca de três horas de espectáculo. Um dos momentos visualmente mais fortes do concerto – com efeitos pirotécnicos incluídos –, é a interpretação de *Live and Let Die*, a música composta por Paul McCartney para o agente 007, James Bond. E no instante que mais vai tocar os nostálgicos da beatlemania, os vários

ecrãs (gigantes e móveis) enchem-se com imagens da histórica chegada dos Beatles aos Estados Unidos, há 40 anos. Mas tudo começa com uma encenação que mistura referências célticas e medievais e distribui figurinhas coloridas, que lembram as cartas de Tarot, pelo palco, em acrobacias, e pelo público – tudo animado pelo som poderoso e festivo de um DJ.

Lisboa é a segunda data (depois de Gijón, em Espanha, na última terça-feira, 25) desta digressão de 13 concertos, que termina no dia 26 de Junho, no maior festival de música de Verão da Grã-Bretanha, Glastonbury, onde McCartney nunca esteve antes. Lisboa, Praga, Leipzig e Horsens são as cidades europeias em que McCartney toca, neste Verão, pela primeira vez. Para 2005, o músico promete um novo disco de originais e outra digressão. A máquina de sir Paul não pode parar. ■

P.D.A.